

# Entrevista

## José Arbex

Entrevista concedida a Pedro Fassoni Arruda

**Pedro Fassoni Arruda:** Neste Centenário da Revolução Russa, quais as lições que a esquerda em geral e os comunistas, em particular, podem levar para essa nova etapa das lutas de classes?

**José Arbex:** É uma questão complicadíssima, por implicar um balanço do que foi a Revolução Russa, as suas consequências para o mundo e uma determinada percepção do momento histórico em que vivemos. Obviamente, a discussão sobre cada um desses tópicos, para ser feita com o cuidado que merece, demandaria, por si só, bibliotecas inteiras. Mas, se tiver que dar uma resposta, ainda que bem “panorâmica” e com todos os cuidados implicados, creio que nenhuma questão é tão premente para a esquerda quanto a da democracia. Não me refiro apenas ao exercício da democracia representativa, ao direito formal ao sufrágio universal, ao acesso às liberdades democráticas e aos outros direitos historicamente assegurados pelo estado burguês – mas cada vez menos praticados, até mesmo nos países centrais do sistema capitalista. Penso no exercício pleno e radical da democracia, na perspectiva de Rosa Luxemburgo: “A liberdade apenas para os partidários do governo, apenas para os membros do partido, por muitos que sejam, não é liberdade. A liberdade é sempre a liberdade para o que pensa diferente.” Os grupos e militantes de esquerda, em geral, tendem a ser autoritários, em parte por refletirem as relações sociais inerentes à própria sociedade capitalista brutalizada por séculos de exploração, opressão, racismo, sexismo e tudo o mais que conhecemos, mas em parte também porque a maioria dos grupos e militantes de esquerda alimentam a estranha ilusão de serem portadores de uma suposta “verdade histórica”, agem como se fossem encarnações do trágico Angelus Novus, com a missão de convocar os mortos e os vencidos. Leon Trotsky expressou esse delírio, em 1924 - com o seu extraordinário poder de síntese e brilho habitual -, durante o 13º Congresso do Partido Bolchevique: “Em última análise, o partido está sempre certo, porque é o único instrumento histórico que a classe trabalhadora tem para

a solução de suas tarefas fundamentais. Sei que não podemos ter razão contra o partido. Só podemos ter razão com o partido e através do partido.” Essa ideia é assustadora, mas marcou profundamente a história da Revolução Russa - cuja expressão mais caricatural e impiedosa foi a ditadura de Josef Stalin -, a história da esquerda ao longo do século 20 e persiste até hoje. Mesmo pequenos grupos e seitas incapazes de mobilizar até os amigos para um churrasco acreditam-se porta-vozes da Madame História. E pereça na chama dos infernos quem não aceitar a Palavra. Nada disso contradiz ou elimina, obviamente, o fantástico significado da Revolução Russa, nem muito menos a necessidade de derrotar o capital, mas demonstra um problema que, na minha opinião, é central para a esquerda.



**Pedro Fassoni Arruda:** Quais os alcances e os limites das experiências socialistas do século XX? O que foi realizado e quais as promessas que não foram cumpridas?

**José Arbex:** Os tremendos avanços científicos e tecnológicos verificados na União Soviética, apesar do desastre stalinista, mostraram que, na prática, o socialismo é perfeitamente possível, como um sistema capaz de permitir o desenvolvimento vertiginoso das forças produtivas, libertadas das limitações impostas pelo capital. É simples assim. Em quatro décadas, a Rússia passou da condição de um país essencialmente rural para

a de uma superpotência capaz de lançar um satélite, e colocar um ser humano em órbita espacial antes dos Estados Unidos. Soubemos por Yuri Gagarin que a Terra é azul.

Apenas nos primeiros anos da revolução, antes da imposição do Realismo Socialista por Stalin (1934), e antes das perseguições e assassinatos políticos em massa anunciados pelos Processos de Moscou (1936 – 38), a revolução liberou uma energia criadora de imensas proporções e conseqüências em todos os campos das artes e do pensamento. Estamos falando de Vassili Kandinski e Kazimir Malievitch (artes plásticas), Vladimir Maiakhovski (poesia), Vsevolod Meyerhold e Constantin Stanislavsky (teatro), Sergei Einsenstein e Dziga Vartov (cinema) e muitos, muitos outros, sem falar da liberação das mulheres, que ocuparam um papel protagonista, de vanguarda, na própria Revolução de 1917, incluindo algumas militantes importantes do Partido Bolchevique, como Alexandra Kollontai, Nadezhda Krupskaja (mulher de Lênin) e Inessa Armand (francesa que viveu a maior parte do tempo na Rússia, onde manteve relações com Lênin). Esse processo, embora tenha sido abortado e brecado pela ditadura stalinista, demonstra a viabilidade da construção de uma sociedade socialista, que não apenas é possível, mas se demonstra cada vez mais necessária, dada a catástrofe do capital.

**Pedro Fassoni Arruda:** Quais as principais diferenças entre o pensamento (e a ação política) de Lênin e Stálin?

**José Arbex:** Numa frase bem sintética: Vladimir Ilitch Lênin foi um revolucionário autêntico, um estrategista genial e um líder político incomparável que, claro, cometeu erros, principalmente em decorrência dos acontecimentos absolutamente dramáticos em que se deu a revolução de 1917, ao passo que Joseph Stalin foi um tirano de aldeia que, por força das circunstâncias históricas foi levado a ocupar o posto antes destinado aos czares. Lênin errou em vários momentos decisivos. Adotou medidas autoritárias, que hoje podem e devem ser questionadas, principalmente as políticas de policiamento e opressão exercidas pelo Partido Bolchevique contra a massa de camponeses russos, especialmente durante todo o período de requisição de alimentos, durante a guerra civil (1918 – 1921) e o massacre de Kronstadt (1921), entre outras. Seus erros, mesmo se não justificáveis, são compreensíveis. Ele era também um homem de seu tempo, moldado pela mentalidade de sua época e refletia, à sua maneira, as contradições da sociedade russa – atrasada, essencialmente rural, extremamente cruel para com o campesinato e a maioria pobre (foi o último país europeu a abolir as relações de servidão). O campesinato nunca foi bem entendido pelas elites russas, das quais Lênin era oriundo, mais ou menos como no Brasil,

onde até hoje a Revolta de Canudos, por exemplo, ainda é descrita como resultado de um mero movimento messiânico e “atrasado”, apesar de alguns estudos importantes mostrarem que foi algo muito mais importante e complexo. Aliás, no que se refere a uma tradição autoritária, a história russa tem muito em comum com a do Brasil, onde persistem até hoje traços do escravismo. Mas é impossível traçar um sinal de identidade, uma equivalência entre os erros cometidos por Lênin no calor da guerra civil e da revolução e as estratégias monstruosas adotadas por Stalin, um sujeito paranoico, vítima de ilusões persecutórias cuja única motivação era deter em suas mãos, a qualquer preço, o controle absoluto do partido e de toda a sociedade soviética, governando exatamente como um czar.

**Pedro Fassoni Arruda:** Como você enxerga a questão do “socialismo num só país”, o papel da 3ª Internacional na defesa da estratégia da “revolução por etapas” e o fortalecimento da burocracia sob o domínio de Stálin?

**José Arbex:** A mera formulação “socialismo num só país” é uma idiotice, caso se aceite as premissas de Karl Marx sobre as relações estabelecidas, ao longo da história, entre a evolução dos distintos modos de produção e o desenvolvimento das forças produtivas. Sem querer ser pedante ou adotar um tom professoral, apenas observo que, para Marx, o socialismo só poderia ser construído sobre os escombros do capitalismo, modo de produção que se instalou em todo o planeta, segundo o processo descrito de modo magnífico pelo Manifesto Comunista de 1848. A unificação do planeta num grande mercado, que deu origem e impulsionou um imenso sistema de trocas de capitais, bens e serviços (ou de trocas materiais e simbólicas) não é um “detalhe”, mas a premissa para a existência do capitalismo. É seu traço mais importante e distintivo, enquanto sistema, se comparado ao que existiu durante mil anos de Idade Média. O capitalismo só pode existir como sistema global, e nisso consiste, aliás, uma de suas grandes contradições, pois, invariavelmente, os interesses de grupos burgueses nacionais – solo fértil de ideologias xenófobas, chauvinistas e racistas - frequentemente se chocam com a necessidade de expansão sem limites do capital. Tais contradições - que muitos acreditavam terem sido superadas pela suposta “transnacionalização” do capital, numa economia conectada por redes - são facilmente perceptíveis, hoje, com a vitória do demente Donald Trump, do Brexit, o desempenho de Marine Le Pen na França, o ressurgimento do nazismo na Europa etc. Justamente por ter unificado economicamente o planeta, a burguesia conseguiu imprimir um tremendo grau

de desenvolvimento das forças produtivas, elevando a níveis inimagináveis as invenções e descobertas científicas. Mas, como previa Marx, notadamente no livro *A ideologia alemã*, o desenvolvimento das forças produtivas é limitado, no capitalismo, pela pressão da necessidade permanente de lucro, transformando-as, no limite, em forças de destruição. Novamente, vemos isso claramente hoje: por mais que o desenvolvimento da ciência e da técnica tenha, por exemplo, aumentado a produtividade agrícola, e por mais que a humanidade em seu conjunto produza muito mais comida do que o necessário para alimentar o conjunto dos 7,5 bilhões de habitantes, há pelo menos 1 bilhão de famintos e subnutridos no planeta. A explicação do aparente “paradoxo” é tão simples quanto cruel: o capital não produz comida, mas sim mercadoria na forma de comida.

Isto é, só come quem tem dinheiro para pagar. A mesma lógica produz devastação ambiental, eleva a temperatura da Terra a níveis inaceitáveis, produz catástrofes sobre catástrofes. Em resumo: a ciência e a técnica, sob pressão do capital, transformam-se em forças destrutivas. Apenas um sistema global orientado por outra lógica pode superar o capitalismo. A premissa básica, portanto, é a da substituição do capitalismo por um outro sistema superior, mais avançado, capaz de englobar o conjunto da humanidade, mas voltado para o bem estar do ser humano, e não para o lucro. Nenhum país, isoladamente, pode cumprir esse objetivo. Ao contrário: qualquer estado nacional que desafie o capital mundial tenderá a ficar isolado e será estrangulado no médio ou longo prazo, precisamente como aconteceu com a União Soviética, a menos que seja apoiado por um processo revolucionário internacional. Já a “revolução por etapas” decorre de uma leitura mecanicista e pobre do que disseram Marx e Engles. Como o Manifesto Comunista descreve um processo histórico evolutivo dos modos de produção (primitivo, asiático, escravista, feudal, capitalista), os “etapistas” afirmam que uma economia deve percorrer essas etapas para reunir as condições para a revolução socialista. Isto é, um país fortemente marcado por relações de produção assemelhadas às do escravismo ou feudais, por exemplo, não estaria pronto para o socialismo. Teria que, necessariamente, passar pela etapa capitalista. Isso é uma imbecilidade que cumpriu um papel trágico. Sob orientação da Terceira Internacional, os Partidos Comunistas foram orientados, em todo o mundo, a fazer alianças com partidos burgueses e setores das “burguesias nacionais” que, supostamente, liderariam a luta anti-imperialista em seus respectivos países, com o objetivo de promover a “revolução burguesa”. Essa foi a base “teórica” da política de sustentação das Frentes Populares, composição orgânica entre o capital nacional e os partidos e organizações dos trabalhadores. Não será possível, no espaço de uma

entrevista, detalhar o desastre que isso significou para milhões de trabalhadores, incluindo comunistas sinceros que se sujeitaram a aceitar alianças espúrias com burgueses locais, em vez de confiar apenas em suas próprias forças. A ideia de uma “burguesia nacional” capaz e desejos de liderar uma ruptura com o imperialismo – proposta que produziu seus impactos também no Brasil - não se sustentou e não se sustenta. A revolução será feita pelos trabalhadores organizados em suas entidades próprias e partidos, ou não será feita. Tampouco se dará por etapas. Deverá englobar, simultaneamente, todos os países, embora cada um deles apresente graus distintos de mobilização e porte características especificamente nacionais. Trotsky resumiu muito bem esse processo: a revolução é nacional na sua forma, mas internacional no seu conteúdo. Justamente a Revolução de 1917 é um exemplo claro disso: ela aconteceu num dos países mais atrasados da Europa, onde o proletariado constituía apenas 2.5% da população economicamente ativa, e onde persistiam relações análogas às da servidão em boa parte do campo. Não aconteceu na Alemanha (onde foram assassinados Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, em 15 de janeiro de 1919), na Inglaterra ou na França, mas na Rússia. Isso significa, apenas, que caberia aos trabalhadores russos a missão de realizar tarefas históricas que, em outros países, foram realizadas pela burguesia. Ponto final. Só que a Revolução Russa teria que contar com o desenvolvimento de um processo revolucionário mundial. A construção do socialismo exige o desenvolvimento de uma revolução em escala planetária, capaz de transformar o mundo numa grande arena de combates incessantes e permanentes. Não é por acaso que Marx e Engels terminam o Manifesto de 1848 com o chamado à unificação do proletariado mundial. Não é simples retórica. É uma necessidade vital, estratégica, condição para a vitória da revolução. Muitos dirão que isso tudo é uma utopia. Não é. Vamos lembrar que no auge da Guerra Fria, o assim chamado “bloco socialista” englobava mais de 1/3 da humanidade. A revolução só não derrotou o capital como decorrência das políticas desastrosas, patrióticas e imperialistas adotadas por Josef Stalin e depois também por Mao Tsetung. Utopia, na verdade, é acreditar que o capitalismo é um sistema viável. Utopia idiota e reacionária, além de tudo. Basta olhar para o mundo e constatar a destruição do planeta e do próprio ser humano.

**Pedro Fassoni Arruda:** Ainda sobre a teoria da “revolução por etapas”: como isso impactou a teoria e a prática política dos partidos comunistas nos países dependentes (tal como o PCB no Brasil)?

**José Arbex:** No Brasil, o PCB tentou introduzir a ideia completamente esdrúxula, sem pé nem cabeça, de que seria necessário realizar uma revolução burguesa no país, para liquidar com aquilo que o partido enxergava como “passado feudal”, como premissa para a revolução proletária. Isto é, inventaram um feudalismo que nunca existiu em nossa história, e inventaram uma suposta burguesia nacional revolucionária, que tampouco existiu, à qual os trabalhadores teriam que se aliar para expulsar o imperialismo. Para sustentar essa série de delírios, o PCB alimentou o mito de um Getúlio Vargas completamente comprometido com o nacionalismo e com sólida visão anti-imperialista. Pronto. Encontraram o burguês nacionalista revolucionário. Só que isso nunca passou de miragem. Vargas nunca foi um nacionalista. Foi, no máximo, um industrialista preocupado com a proteção do capital nacional, disposto a barganhar com o imperialismo e articulador de um discurso nacionalista. Acabou aí. Basta lembrar que Vargas, com toda a sua retórica populista, nunca mexeu um milímetro sequer na estrutura fundiária brasileira, até para não contrariar seu instinto de latifundiário de São Borja. Sequer esboçou um plano de reforma agrária. Como alguém pode se pretender nacionalista num país com as dimensões do Brasil, onde o latifúndio se volta para a exportação de commodities, sem um plano que integre de fato o campo à vida nacional? Até hoje, é a pequena propriedade familiar que assegura o abastecimento das famílias. Dito de outra forma, é o pequeno agricultor que coloca o arroz e feijão de cada dia em nossas mesas. O agronegócio é voltado para abastecer o mercado internacional, às custas da exclusão no campo, às custas de nossas reservas em biodiversidade (basta mencionar a destruição do cerrado e do território amazônico pelo agronegócio), às custas de nossa água (com a alienação ao capital estrangeiro de fontes, nascentes e de imensas extensões do aquífero Guarani). Sem acabar com o latifúndio, não haverá um processo genuinamente nacional, mesmo que nos limitados marcos admitidos pelo sistema capitalista. Nenhum país promoveu o processo de industrialização sem antes resolver o problema da terra, seja por meio da reforma agrária, seja por outros meios. No Japão, por exemplo, apesar de ser um país minúsculo, foi necessário extinguir o shogunato, pela dinastia Meiji, para iniciar a industrialização, que só foi deslanchada após 1946, quando o ocupante militar general Douglas MacArthur impôs a reforma agrária. No Brasil, depois de Vargas veio João Goulart, também nascido em São Borja, também latifundiário e amigo íntimo de sua família. Em Jango o PCB encontrou o seu novo herói burguês, e as Reformas de Base seriam o caminho para a revolução socialista no Brasil. Para se ter uma ideia da extensão do delírio, às vésperas de 31 de março de 1964, Luís Carlos Prestes proclamou a famosa sentença segundo a

qual os comunistas já teriam assumido o poder no Brasil. Tudo isso teria um significado meramente folclórico, não fosse o fato de que, por acreditar na efetividade da aliança com a “burguesia nacional”, o PCB e a esquerda em geral abandonaram a necessidade de criar, manter e fortalecer suas próprias organizações, preferindo entregar a direção de tudo aos amigos burgueses. O resultado é que quando aconteceu o golpe, praticamente não houve resistência, com algumas raras e honrosas exceções, como foi o caso de Leonel Brizola, aliás lançado na vida pública por Vargas e genro de Goulart. Tudo em família. Coerente com essa linha, o PCB atacou ferozmente o processo de criação do PT, nos anos 70, por ser “radical”, “esquerdista” e “vanguardista”. Claro. O partidão havia optado pelo guarda-chuva do MDB, que abrigava genuínos revolucionários como o “doutor” Ulysses Guimarães. Óbvio. Nada do exposto aqui diminui a importância histórica, para o bem e para o mal, de Vargas, Jango, Prestes, Brizola e outros. Apenas assinalo os equívocos cometidos a partir da concepção da “revolução por etapas”.

**Pedro Fassoni Arruda:** Como você caracteriza as experiências da URSS e dos países socialistas do Leste Europeu? Socialismo, Estado operário deformado, capitalismo de Estado?

**José Arbex:** Descartaria, de início, o “socialismo” e o “estado operário deformado”. O socialismo, como já foi dito, pressupõe um grau mais avançado de organização social, em comparação ao capitalismo. Não é possível sustentar que algo assim foi minimamente alcançado na URSS, nem de longe. É verdade: alguns preços de produtos essenciais foram congelados (como o do pão, dos transportes, de serviços médicos), mas isso nada diz sobre a qualidade dos serviços prestados, nem sobre o acesso a eles. A carência era um dado permanente, em todos os aspectos da vida. Carência de tudo: de bens, de serviços, de locais de lazer. É muito difícil descrever a qualidade da vida diária. Tudo funcionava na base da propina, do tráfico de influências, do mercado negro, do “jeitinho”. Nunca houve democracia na Rússia, a não ser no brevíssimo período que vai da Revolução de 1917 até o início da stalinização, mais ou menos no final dos anos 20. Dez anos de democracia, em 500 anos de uma história brutal, impiedosa, escravista, recheada de massacres provocados por revoltas populares e guerras. Lembra ou não um certo país da América do Sul? E mesmo se houvesse abundância na distribuição, mas restrições às liberdades, dificilmente poderia ser qualificado como socialismo. De nada adianta eu ter a mesa farta, se apenas um partido domina a vida política do país, e se

apenas um secretário-geral controla o próprio partido. O socialismo não é uma fazenda destinada a engordar o gado humano. É um sistema socialmente avançado, solidário. Ou não é. Da mesma forma, descarto o estado operário deformado, simplesmente por não saber do que se trata. O que é um estado operário? Um estado dirigido por operários? E daí? O Brasil teve um operário na presidência durante oito anos, e depois mais cinco de uma presidente que se dizia representante de um partido dos trabalhadores. Isso mudou algo na caracterização do estado brasileiro? Certo, na Rússia houve uma revolução e no Brasil não. Mas a revolução foi abortada e extinta, cedendo lugar à ditadura do Partido Comunista e, mais precisamente, ao czar de plantão, primeiro Stalin, depois Khrushchev, Brejnev e os outros. Qual foi a participação do proletariado na gestão desse estado? Quando sua voz foi ouvida? Entre novembro de 1917 e junho de 1918, Lênin falava com frequência na implantação do “capitalismo de estado”, pensando na experiência alemã. Seria um “estado operário e camponês”, ainda regido pelas leis de mercado, mas em transição para o socialismo. Depois veio a Nova Política Econômica, a morte de Lênin e o stalinismo. O que restou disso tudo? Estado operário deformado? Mas não se sabe sequer o que seria um Estado operário. Em que medida seria distinto de um Estado operário e camponês, como formulou Lênin? Restado o “capitalismo de estado”. Dificilmente se aplica, pois o capitalismo de estado pressupõe a concorrência entre capitais, ainda que sob a tutela e a administração do estado. Não foi isso que aconteceu na União Soviética. Houve o domínio de máfias encasteladas no PCUS que controlavam rigidamente a economia e dividiam o butim entre os burocratas, incluindo a parcela que participava do mercado negro, destinado a burlar as regras que eles mesmos decretavam, só que a preços exorbitantes. Como qualificar esse sistema? Recentemente, entrou na moda a denominação “capitalismo de compadrio”, para designar países em que os negócios são feitos entre amigos, com a benção de outros amigos que ocupam posições estratégicas no Estado. Mais ou menos como as relações entre os irmãos Batista e os políticos brasileiros, com o abençoado capital cedido pelo BNDES. Talvez esse modelo seja mais próximo do que qualquer outro para explicar o que acontecia na URSS, com o agravante de que lá só havia um partido legalizado. Como qualificar o sistema chinês, que, além de tudo, agrega três perfis econômicos distintos: o financeiro (Hong Kong), o industrial (cidades litorâneas, Zonas Econômicas Especiais) e o rural (a China continental). Tenho minhas dúvidas. A economia da Rússia hoje, aliás, é uma extensão do que foi a da URSS, no sentido de que o desmantelamento do sistema soviético significou a entrada em cena das mesmas antigas máfias que controlavam a economia via PCUS, só que agora jogando

abertamente enquanto capital privado, em associação com empresas transnacionais. Nada de novo no front, exceto que agora o jogo é mais aberto, sem passar pela odiosa retórica supostamente socialistas dos burocratas do partido. É engraçado como Vladimir Putin é aplaudido por alguns setores da esquerda como alguém que, de alguma forma, encarna o ideal socialista, ou que resiste ao imperialismo. Só pode ser gozação. Putin representa os interesses dos antigos “capos” do Exército Vermelho e dos setores envolvidos com a segurança do estado, notadamente a KGB. São setores que, num primeiro momento, se sentiram excluídos da divisão do butim, feita por Boris Yeltsin logo após a extinção da URSS, que privilegiou os setores do PCUS mais liberais e diretamente ligados à economia. Putin foi alçado ao poder para reequilibrar o jogo, e está fazendo isso de uma forma muito competente, mas adotando um discurso patrioteiro, chauvinista, homofóbico, patriarcal. Tudo de bom.

**Pedro Fassoni Arruda:** Qual o balanço que você faz da Glasnost e da Perestroika?

**José Arbex:** Foi uma tentativa desesperada de promover reformas democráticas que deu errado. A cúpula do PCUS sabia desde pelo menos 1983 que alguma coisa estava muito errada na economia soviética. Naquele ano, o PIB do Japão ultrapassou o da URSS. Quando uma pequena ilha perdida no meio do Pacífico supera a grande potência euroasiática, com uma população de 300 milhões de habitantes e um território equivalente a três vezes o brasileiro, algo vai muito mal. As reformas teriam que existir, mas não estava claro que forma assumiriam, nem o ritmo com que teriam que ser implantadas. Mikhail Gorbatchev, arquiteto da glasnost e da perestroika, assumiu em 1985, para se tornar num dos estadistas mais importantes e mais mal compreendidos do mundo. É repudiado pelas esquerdas, por ter supostamente entregue “tudo de bandeja” ao capital, e é saudado pelas direitas por ter supostamente compreendido que o socialismo fracassou. Está tudo errado. Nem uma coisa, nem outra. Gorbatchev acreditava ser possível conciliar socialismo com “estado de direito”. Era sincero. Durante os cinco anos em que exerceu o poder, nunca ordenou qualquer prisão ou repressão, nunca adotou medidas na base da “carteirada”, nunca jogou nenhum escândalo para baixo do tapete. Ao contrário. Eu presenciei cenas memoráveis, em que Gorbatchev furava os protocolos de segurança para conversar diretamente com manifestantes contra o seu governo. Uma vez, na Lituânia, havia umas 500 mil pessoas em praça pública exigindo a independência da URSS. Alguns manifestantes seguravam uma faixa em que igualavam

Gorbatchev a Stalin. Pois Gorbatchev dirigiu-se aos que seguravam a faixa, no meio de toda a multidão, e começou a argumentar com eles. Explicou quem foi Stalin e tudo o mais. Como resultado, os rapazes guardaram a faixa e cumprimentaram Gorbatchev. Durante cinco anos, houve democracia na União Soviética, pela primeira vez, desde o final dos anos 20. Todas as esferas da vida foram revolucionadas. Todas. Eu poderia, aqui, multiplica exemplos, preencher várias páginas com relatos de como tudo mudou na URSS sob Gorbatchev. Houve um processo real de renovação espiritual e do exercício da liberdade. Isso se refletiu também no Pacto de Varsóvia. Gorbatchev impediu, por exemplo, que Erich Honecker promovesse, em Berlim oriental, uma “solução chinesa”, um banho de sangue contra aqueles que queriam passar para o lado ocidental, resultando na crise que derrubou o Muro de Berlim, em novembro de 1989. Se Gorbatchev tivesse mão dura, poderia ter provocado uma catástrofe de grandes proporções, uma intervenção sangrenta das tropas do Pacto de Varsóvia em pleno coração da Europa. Já imaginou no que poderia ter acontecido? Mas Gorbatchev não fez “corpo mole” por acreditar no fracasso do socialismo. Ao contrário. Ele acreditava que o socialismo era a única solução viável para o mundo, e repetia isso em todos os seus discursos. Mas acreditava que tinha que fazer concessões para poder avançar. Acreditava, com razão, que a sociedade soviética não suportava mais corrupção, desmandos, autoritarismo, arbítrio, ditadura. Achava que seria possível conciliar liberdades democráticas e o exercício da crítica, deixar aflorar todos os ressentimentos e ódios acumulados ao longo de décadas de ditadura e stalinismo, combinando a “glasnost”(transparência política) com a “perestroika” (reestruturação da economia). Apostou tudo nessa estratégia. Não deu certo. Foi sabotado dentro de seu próprio partido, pelos setores mais “duros”, do ponto de vista ideológico, os saudosos do stalinismo, bem representados por Igor Ligatchev, e pelos setores mais liberais, que queriam acelerar o processo de privatização desenfreado, para entregar tudo ao capital, setores representados por Boris Yeltsin, um alcoólatra bufão. Gorbatchev perdeu a guerra dentro de seu próprio partido. Venceram os setores mais reacionários, em associação com o capital.

**Pedro Fassoni Arruda:** Qual o grande mito construído pelos oligopólios midiáticos dos países capitalistas, em relação à URSS?

**José Arbex:** O primeiro e mais importante deles: o pânico, o medo de que a URSS era dirigida por um bando de fanáticos ateus que estavam disposto a destruir o

planeta. É risível. Mas é isso que a mídia faz. Como, no mundo contemporâneo, por exemplo, vender a versão e fazer acreditar que o atentado contra as torres gêmeas foi “o maior atentado terrorista da história”. E Hiroxima e Nagasáki foi o que? Um piquenique? E o que foram os milhões de camponeses mortos pelas bombas Napalm no Laos, Vietnã e Camboja? Isso aí não é terrorismo? E o falso pretexto para a invasão do Iraque, em 2003, segundo o qual Sadam Hussein estaria produzindo armas de destruição em massa? Os oligopólios da mídia têm suas próprias agendas e agem motivados por seus interesses, que, não raro, coincidem com os dos senhores do capital. Voltando à URSS: o mito dos loucos ateus destruidores prevaleceu ao longo de toda a Guerra Fria e justificou os bilhões de dólares despejados na corrida armamentista. Também alimentou o mito de que foi o presidente Ronald Reagan que levou ao colapso da URSS, ao ampliar os gastos com armas e assim aprofundar as contradições internas da economia soviética. É muito conveniente esse mito: o neoliberalismo teria destruído a URSS. Pura cascata. A sociedade soviética não entrou em colapso graças à ação deste ou daquele dirigente capitalista, mas sim como consequência de suas contradições internas, especialmente as que foram resultado direto da ditadura stalinista, e por ter sido estrangulada pela lógica do mercado capitalista planetário. Para que isso não acontecesse, teria que ter existido um governo soviético revolucionário, capaz de impulsionar a revolução mundial. Mas aí a história seria completamente outra.

**Pedro Fassoni Arruda:** Fale sobre a sua experiência na URSS. E como contrapô-la à cobertura jornalística que chegava aos colegas brasileiros, via jornais e emissoras de TV?

**José Arbex:** Foi uma experiência extremamente interessante, do ponto de vista de alguém que se formou intelectualmente como marxista e teve o raro privilégio de testemunhar, como correspondente do jornal Folha de S. Paulo, os principais eventos que conduziram ao fim da URSS. Vivi em Moscou entre 1988 e 1991, cobri alguns dos principais momentos da perestroika, além da retirada soviética do Afeganistão, a Primavera de Pequim, a queda do Muro de Berlim e outros eventos na Europa e na Ásia. Entrevistei Mikhail Gorbachev, além de outros intelectuais, políticos e ativistas que participaram intensamente do processo de reformas. Tentei transmitir com o máximo de fidelidade ao público brasileiro aquilo que estava acontecendo. Em algumas edições da Folha, cheguei a escrever quatro páginas inteiras num único dia, numa época em que as letrinhas do

jornal eram pequenas (isto é, quatro páginas daquela época seriam quase o equivalente a um pequeno livro, hoje). Minha obsessão era mostrar a complexidade do processo, sua profundidade, a importância e amplitude das questões que ele colocava para a humanidade em seu conjunto. Mas uma andorinha só não faz verão. Prevaleceram as versões mais simplificadas, a ideia de que se tratava de uma luta do bem (o capitalismo) contra o mal (o socialismo e o “atraso”), a ideologia estúpida do “fim da história” proposta por Francis Fukuyama e divulgada em todo o mundo, como propaganda política, pelos principais veículos midiáticos do planeta. Até hoje, o processo permanece mal compreendido. É lamentável, desse ponto de vista.